A complexa dualidade narrativa na obra "Galvez, imperador do Acre", de Márcio Souza[1]

Lenna Josely de Lima Nascimento[2]

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a complexa dualidade narrativa presente na obra "Galvez, imperador do Acre", de Márcio Souza, composta por um narrador-editor, e um narrador-personagem. Neste romance o escritor amazonense cria uma forma inovadora de narrar, na qual os relatos não seguem uma ordem exatamente cronológica e composta por dois narradores. A metodologia utilizada foi de caráter bibliográfico, cuja análise é de cunho crítico- analítico abordando a temática aqui proposta, para tanto, buscamos respaldo teórico em autores como CANDIDO (2002), BENJAMIN (1993), FOSTER (2004), LUKÁCS (1968), GONDIM (1996), CARVALHO (1981), entre outros, para dar suporte à análise da relação entre Literatura, história e Sociedade, e também classificar os diferentes tipos de narradores.

Palavras-chave: Literatura e Sociedade. Dualidade do narrador. Galvez, o imperador do Acre.

Abstract: This article aims to analyze the complex duality present in the work "Galvez, Acre Emperor", by Márcio Souza, consisting of a narrator-editor, and a narrator-character. In this novel the Amazonian writer creates an innovative way of narrating, in which the reports did not exactly follow a chronological order and composed by two narrators. The methodology used was bibliographical, whose analysis is of critical-analytical nature addressing the theme proposed here, therefore, we seek theoretical support in authors such as CANDIDO (2002), BENJAMIN (1993), FOSTER (2004), LUKÁCS (1968), GONDIM (1996), CARVALHO (1981), among others, to support the analysis of the relationship between literature, history and society, and also sort the different types of narrators.

Key-word: Literature and Society. The narrator duality. Galvez, the emperor of Acre.

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação da professora Mestra Joanna da Silva, a ser defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a coordenação do professor José Amarino Maciel de Brito, do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Acadêmica finalista do curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, do IEAA/UFAM.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar a dualidade dos narradores presentes na obra *Galvez, imperador do Acre*[3], autoria de Márcio Souza, uma obra cuja temática gira em torno do enriquecimento no Norte do país em decorrência do Ciclo da Borracha. A obra foi elaborada em forma de folhetim, com base em relatos, comentários ou cartas de Luiz Galvez, protagonista. Sua primeira versão foi manuscrita em 1958, porém, publicada apenas em 1976, depois de retirarem alguns relatos, acontecimentos que eram uma espécie de censura à sociedade, principalmente, a elite governante, pois havia trechos que criticavam os governantes em sua administração, de maneira insana, na qual apenas a elite podia ter vez e voz na sociedade, e que tais governantes utilizavam o dinheiro público para financiar extravagâncias e luxúrias.

Vale ressaltar, que há um forte contexto histórico expresso na obra *Galvez, o imperador do Acre*, a mesma contextualiza-se no período do século XIX, época em que o ciclo da Borracha estava sendo um grande motivo para conflitos entre os países: Estados Unidos, Bolívia e Brasil, pois a *Hevea Brasiliensis* predominava como uma riqueza incontestável. Deu-se nesta época também a proclamação da República do Acre, em 1899, pelo espanhol Luiz Galvez Rodrigues de Aria, jornalista, diplomata e aventureiro.

Este espanhol migrou para a América com o intuito de encontrar o Eldorado na Amazônia. Em 1897 tornou-se funcionário do consulado Boliviano, por dominar fluentemente outros idiomas, conhecimento este que o levou a se apropriar de documentos sigilosos do consulado para benefício próprio.

Ao conquistar a confiança do governo do Amazonas, Galvez é incumbido de liderar uma revolução composta por seringueiros e alguns homens do Governo do Amazonas. Vence o conflito e assim torna independente o território do Acre, explicando que "não podendo ser brasileiros, os seringueiros acreanos não aceitavam tornar-se bolivianos". Fez um bom governo, criou hospitais, escolas e corpo de bombeiros, organizou ministérios e exerceu funções de juiz. Porém, depois de seis meses foi deposto do cargo de governante por Antônio de Souza Braga, que logo após um mês, devolveu-lhe o poder.

Por se tratar de uma pesquisa de caráter crítico-analítico, este trabalho tem como foco estudar a contextualidade histórica presente na narrativa souzariana e, principalmente, analisar e classificar a complexa dualidade narrativa e suas especificidades, no que se

[3] Neste trabalho utilizaremos a 17ª edição, publicada em 1995.

assemelham ou divergem, presentes no decorrer da obra, que apresenta uma forma inovadora de narrar, ao apresentar dois narradores “sobrepostos”, ambos em primeira pessoa.

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, pautada em autores como Antonio Candido (2002), apresenta-se, brevemente, a ligação entre história, cultura e sociedade com a literatura, suas representações e inovações. Já a complexa dualidade dos narradores e o foco narrativo presentes na obra, foco principal desta análise, pauta-se de acordo com as classificações dos seguintes teóricos: Walter Benjamin (1993), Edward Morgan Foster (2004), Georg Lukács (1968), Neide Gondim (1996), e Alfredo Leme Coelho de Carvalho (1981).

1. A Literatura e sua relação com a Sociedade

A literatura está, geralmente, ligada a vida social. Os problemas sociais são nela representados causando um impacto ao leitor, pois de forma direta ou indireta, os textos refletem a realidade de cada indivíduo.

Tolstói, segundo Lukács (1968), prefere relatar acontecimentos e não descrever, pois acredita que falar sobre os acontecimentos é mais impactante do que fazer uma descrição. “Tolstói não descreve uma "coisa": narra acontecimentos humanos. E esta é a razão de que o andamento dos fatos venha narrado duas vêzes, de maneira genuìnamente épica, ao invés de ser descrito por imagens”. (LUKÁCS, 1968)

A literatura brasileira sofreu muitas modificações na criação de seus textos, tanto relacionado à estrutura, quanto as temáticas, além de serem inseridos métodos, personagens, ideologias modernas e temas que não se prendiam as formas tradicionais, tornou-se uma literatura de evoluções artísticas e culturais, principalmente a partir de 1922.

A Semana de Arte Moderna, em 1922, foi um movimento gerador da modernização de algumas tradições, deu impulso a inovações e renovações das artes do país, entre essas novas artes está a “Literatura Regional”, que abordou como um de seus tipos de romance desta época, o romance “picante”, quando os autores procuraram retratar realidades mais típicas, e um dos temas que tomaram posse foi o sexualismo humorístico, e graças a essa incorporação de inovação os autores não ficaram mais presos ao conformismo, convencionalismo e tradicionalismo, dando ao leitor novas visões e concepções, como nos mostra Antonio Candido:

> Tomando por amostra a literatura, verificam-se nelas alguns traços que, embora característicos do período aberto pelo movimento revolucionário, são na maioria "atualizações" (no sentido de "passagem da potência ao ato") daquilo que se esboçara ou definira nos anos de 1920. É o caso do enfraquecimento progressivo da literatura acadêmica; da aceitação consciente e inconsciente das renovações formais e temáticas; do alargamento das "literaturas regionais" à escala nacional, da polarização ideológica.
> [...]
>
> A incorporação das inovações formais e temáticas do Modernismo ocorreu em dois níveis: um nível específico, no qual elas foram adotadas, alterando essencialmente a fisionomia da obra; e um nível genérico, no qual elas estimulavam a rejeição dos velhos padrões. Graças a isto, no decênio de 1930 o inconformismo e anticonvencionalismo se tornaram um direito, não uma transgressão, fato notório mesmo nos que ignoravam, repeliam ou passavam longe do modernismo. (CANDIDO, 1980, p. 224-225)

A sociedade, a cultura e a história exercem forte influência sobre alguns escritores, os mesmos procuram abordar em seus textos os problemas e contextos sociais, porém tudo está ligado aos atos dos seres humanos, a *práxis* humana, ela define e mostra o interior do homem, como nos aponta Lukács:

> Só a práxis humana pode indicar quais tenham sido, no conjunto das disposições de um caráter humano, as qualidades importantes e decisivas. Só o contato com a práxis, só a complexa concatenação das paixões e das variadas ações dos homens pode mostrar quais tenham sido as coisas, as instituições, etc., que influíram de modo determinante sôbre os destinos humanos, mostrando quando e como se exerceu tal influência. (LUKÁCS, 1968, p. 67)

O capitalismo teve muita influência sobre as escritas literárias, devido à classe burguesa ter mais acesso às obras, com isso, alguns autores procuravam escrever para a sociedade capitalista. As obras, na maioria das vezes, relatam essa desigualdade social, a economia como fato histórico. Sabe-se também que os autores são influenciados pela época em que vivem e pelos pensamentos e concepções adquiridas de seu meio, assim incluem o contexto social na obra.

Grande porcentagem das obras literárias está ligada de forma notável a *práxis* humana, inclui aventuras, alegrias ou decepções que despertam o interesse do leitor em saber como o personagem irá enfrentar e superar os acontecimentos, essas aventuras passam, a partir daí, a definir a personalidade de cada personagem. Como as obras literárias geralmente retratam a vida do homem, alguns romances antigos representavam as concepções de seus escritores em relação a diversão e o aborrecimento.

> Lamentos semelhantes acham-se em muitos dos escritores modernos notáveis: eles constatam que os grandes romances do passado uniam a representação de sêres humanos ricos de significado às tensões e divertimentos, ao passo que na arte moderna entram em cena a monotonia e o aborrecimento. Esta situação paradoxal não é de modo algum o efeito de uma falta de dotes literários nos escritores da nossa época, que produziu um número considerável de escritores dotados de incomum talento. A monotonia e o tédio decorrem dos padrões da criação artística e da concepção do mundo adotada pelos escritores. (LUKÁCS, 1968, p. 64)

Um romance sempre está ligado a um conflito, todos os acontecimentos devem estar interligados, ao dinheiro, ao poder e ao amor estão entre os principais temas de um determinado conflito. Quando lemos um romance, prendemo-nos aos personagens que mais gostamos, familiarizamo-nos as suas ações e imaginamos como será seu fim. Mesmo com o passar dos anos estes fatores: dinheiro, poder e amor, sempre estarão presentes na vida social e refletidos na literatura.

2. Márcio Souza e a obra Galvez, imperador do Acre

Márcio Gonçalves Bentes de Souza, mais conhecido como Márcio Souza, nasceu no dia 04 de março de 1946, em Manaus, no Amazonas. Trabalhou como crítico de cinema no jornal "O Trabalhista", assumiu a coordenação das edições do Governo do Estado do Amazonas, mas por pouco tempo, pois passou a morar em São Paulo e cursar Ciências Sociais na Universidade de São Paulo – USP. Em 1969 volta para Manaus devido a perseguição da ditadura militar. Em seguida, ingressa no Teatro Experimental do Serviço Social do Comércio – Tesc/Sesc, um grupo que discutia sobre os temas culturais locais. Em 1976, publica seu primeiro romance ficcional *Galvez, imperador do Acre*, logo após assumir a direção de planejamento da Fundação Cultural do Amazonas, que atualmente já está em sua 20ª edição no Brasil, que foi publicada em 2011, no Rio de Janeiro pela editora Record. Dentre suas obras, também estão presentes *Mad Maria* (1980), *As folias do Látex* (1980), e a *Caligrafia de Deus* (1993).

Além de autor, Márcio Souza também é cineasta, empresário, jornalista, romancista, ensaísta e dramaturgo. O escritor amazonense "buscou sempre assinalar sua qualidade de voz expressiva e representativa, na cena artística, literária ou genericamente intelectual daquela região" (HARDMAN, 2005: p. 97).

Márcio Souza é considerado um seguidor do estilo de Oswald de Andrade, da estética oswaldiana, isto é, por utilizar a escrita em forma de folhetim, e um elemento que prova tal classificação é a obra *Galvez, imperador do Acre*, com sua escrita em forma de

folhetim, composta por muitos capítulos, vale ressaltar, que de maneira descontínua e pitoresca.

O romance *Galvez, o imperador do Acre*, foi editado em outros países como na Espanha, Portugal, França, Inglaterra, Holanda, Suécia, Alemanha e nos Estados Unidos da América, tornou-se o ponto de início para uma inovação literária, uma renovação na narrativa da literatura brasileira, onde os relatos de seus acontecimentos não são lineares, possuindo um movimento entre o passado e presente, de forma simultânea. Inicialmente, o autor elaborou a obra como um roteiro cinematográfico, porém, não conseguiu produtor para a realização de seu objetivo e assim, tornando-a um romance impactante na literatura.

Uma obra voltada ao conflito do poder do látex nos seringais do Acre, a *Hevea Brasiliensis*, que naquele momento, século XIX, era uma riqueza incontestável. O autor aborda muitas sátiras que criticam a sociedade, dentre elas está a crítica à política, em que a elite possui mais chance de governar um território, porém com estilo cômico e utiliza uma linguagem telegráfica que reflete de forma ficcional o que aconteceu na história daquela época, entre os anos de 1879 e 1912, durante o período do Ciclo da Borracha na Amazônia.

A obra *Galvez, imperador do Acre*, diferente dos demais romances histórico-tradicionais, faz uma ruptura ao romance clássico, onde o herói se comporta como anti-herói, pois possui atitudes de um personagem picaresco, ou seja, um personagem aventureiro ou vadio, que almeja o poder, o dinheiro e a luxúria, as ações do protagonista, Luiz Galvez, refletem os comportamentos de grande parte das autoridades dentro da sociedade daquela época, deixando de lado a moralidade e a ética.

Luiz Galvez é apresentado no início da obra com 39 anos, trata-se de um esperto jornalista espanhol que procurava sempre se dar bem na vida, gostava de ter “amigos” que pertencessem a uma classe mais elevada que a sua, para aproveitar as regalias. Não agia de acordo com as regras sociais ou a moralidade e “os bons costumes", geralmente inconsequente, porém sabia se comportar da melhor maneira dependendo do ambiente e da situação, enfim, quando o convinha, agia com hipocrisia.

Porém no início do enredo surge uma figura marcante e inédita na história, trata-se da presença do narrador-editor, um turista brasileiro que andava vasculhando as livrarias de Paris em busca de novidades e adquire na prateleira de um sebo do Boulevard Saint Michel alguns manuscritos.

Estes manuscritos são de Luiz Galvez Rodrigues de Aria, um aventureiro espanhol, mentiroso e ambicioso, que saiu do Rio de Janeiro rumo a Belém, em busca de riquezas

adquiridas de forma fácil, e começou a trabalhar como redator no jornal “A Província do Pará”. Em seguida, aproxima-se de um cônsul boliviano, com essa “amizade”, o protagonista desvendou alguns planos dos Estados Unidos, dentre eles o de dominar o rico território do Acre, localizado nas fronteiras do Brasil, Peru e Bolívia.

Ao chegar a Manaus, Galvez aproxima-se do Governador Ramalho Júnior e conta-lhe sobre o acordo, relacionado ao comércio da borracha, entre os Estados Unidos e a Bolívia. Com isso, é incumbido da missão de conquistar o território do Acre, que estava sob o domínio boliviano, no qual predominava a maior cotação do mercado mundial da borracha. Aceitou o cargo pelo pagamento de cinquenta mil libras, assim, participa da tropa que derrota os Bolivianos, e faz seu discurso: *Pátria e Liberdade! Viva o Acre livre! Viva a revolução.* Então, é condecorado como “Imperador do Acre”, torna-se o poder supremo por alguns meses, tornando independente o estado do Acre.

Como governante do Acre, Galvez tentou organizar uma República Liberal, preocupava-se com a infraestrutura da cidade, porém o mesmo aparecia ao Palácio Imperial, pouco antes do almoço, isso se não tivesse de mal humor ou ressaca, baixava ordens para comprar os melhores vinhos, sentia-se superior a todas as outras pessoas, fazia festas que duravam muitas horas, com muitas mulheres e bebidas para satisfazer a todos os convidados e, principalmente, a ele próprio.

Porém, o povo foi orientado por um militar, Tenente Bulamarqui, que não concordava com os atos de liderança de Luiz Galvez, assim um grupo fica contra o governo e depõe Galvez do poder. Galvez é derrotado e termina sua história de honras glórias em orgias, porres e vômitos.

Alguns críticos comparam *Galvez, imperador do Acre* com o romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, devido os protagonistas de ambas as obras possuírem atitudes e pensamentos semelhantes, apresentam relatos autobiográficos dos protagonistas, ironia ao contexto social, e por alcançarem seus objetivos sempre incluindo o humor.

O romance inicia falando do final da história “Esta é uma história de aventuras onde o herói, no fim, morre na cama de velhice. E quanto ao estilo o leitor há de dizer que finalmente o Amazonas chegou em 1922. Não importa, não se faz mais histórias de aventura como antigamente.” (SOUZA, 1995). Esta passagem comprova que a narrativa não é linear, além de ser composta por dois narradores tornando tal elemento uma “complexa dualidade narrativa”, que se faz presente na obra *Galvez, imperador do Acre*, do autor Márcio Souza.

3. O narrador e suas definições

Algumas narrativas estão sendo esquecidas com o passar dos tempos, mas sabe-se que há uma arte que predominou em vários pontos do mundo, como mar, campo e a própria vida urbana, arte que tem como principal fator o narrador, pois é um elemento muito importante nas obras, pode-se dizer que é "algo ou alguém" que se comunica com os leitores, transmite sensações e desperta a investigação, faz com que o leitor tente desvendar o que o autor quis expressar. Porém, não são todas as pessoas que conseguem ou tem o dom de fazer uma verdadeira narração.

Um dos principais temas de uma narração é a morte, é com ela que se tem a sabedoria, a reflexão de tudo que foi vivido, fator principal para o narrador, com o intuito de envolver o leitor à história. Mas vale ressaltar que, na narrativa burlesca, o narrador, ou autor, valoriza a vida dos patifes, malandros ou vagabundos, tornando-os, geralmente, protagonistas de seus relatos, e na "arte épica", alguns autores preferem falar como terminará seu romance no início de seu relato. "As coisas só têm vida poética enquanto relacionadas com acontecimentos de destinos humanos. Por isso, o Verdadeiro narrador épico não as descreve e sim conta a função que elas assumem nas vidas humanas." (LUKÁCS, 1968).

A narração não pode ser comparada com a informação, pois a primeira deixa o leitor livre para desvendar os mistérios da mensagem, evita explicações, que depois de muito tempo, ela permanece com igual valor, pode causar reflexão as pessoas da mesma maneira que causou há dez, vinte, ou trinta anos, e a segunda, precisa ser explicada minuciosamente, não pode ser esquecido nenhum detalhe, a informação só é válida enquanto é nova, depois que tudo foi compreendido, ela, de certa forma, perde seu valor.

Outra comparação que não pode ser feita é a do "cronista" com o "historiador". O cronista é o narrador, conta a história, preocupa-se como serão incluídos e ligados os fatos durante todo o relato, não se desprende da época em que está narrando, mas o historiador escreve a história, explica os acontecimentos. Porém os dois necessitam da memória para exercerem tais funções.

Um dos maiores críticos alemães sobre o narrador, elemento da narrativa, é Walter Benjamin, que em seus estudos, na obra *Ensaios sobre Literatura e História da Cultura* (1993), classifica seus narradores em dois tipos distintos: o Camponês Sedentário e o Marinheiro Comerciante. Segundo ele, o primeiro se trata de um narrador que conhece histórias sem sair de seu lugar, apenas adquire informações através das pessoas que as relatam. O segundo, toma conhecimentos das histórias através de suas viagens, conhecendo

lugares e pessoas novas. Em uma de suas obras, *Magia e Técnica, Arte e Política (1993),* Benjamin, toma como estudo Leskov, por este aperfeiçoar sua literatura através de suas próprias viagens como agente russo.

Georg Lukács (1986), em “Narrar ou Descrever?”, “Ensaios sôbre literatura”, diz que uma narração pode ser feita através de dois ângulos, um do ponto de vista do participante, e o outro do espectador, visões e concepções diferentes, mas ambos devem ser verdadeiros, apenas o escritor pode decidir se retratará ou não os problemas sociais.

Brooks e Warren (1981), acreditam que não é só o narrador em 1ª pessoa que tem validade, os narradores em 3ª pessoa possuem o mesmo valor. Em vista disso, eles criaram quatro tipos de classificação do narrador: “Narrador-protagonista”, o narrador que possui o papel de protagonista e conta sua própria história, a narração é em primeira pessoa; “Personagem-observador” é o personagem que praticamente não participa da ação, este narrador participa superficialmente das ações, tem como foco relatar os acontecimentos e atitudes ligados a outros personagens; “Autor-observador”, este apresenta os acontecimentos e conversas de forma descritiva, ele só tem conhecimento do externo, não possui o poder de penetrar na mente dos personagens, por isso, não mostra os pensamentos e sentimentos dos mesmos; “Autor onisciente ou analítico”: é o narrador que conta ao leitor os pensamentos e sentimentos dos personagens, porque pode penetrar na mente. Porém, este narrador subdivide-se em duas concepções: *onisciência neutra* ou *objetiva* e onisciência *crítica* ou *interpretativa.* O primeiro ocupa-se apenas em relatar os sentimentos, pensamentos e fatos, e o segundo, relata-os e faz comentários sobre eles.

O “narrador” deve desaparecer da história, e esta deve ser relatada pelos próprios personagens, esses são os princípios que *Norman Friedman* apresenta na revista PMLA (1955), este crítico preocupa-se em distinguir o “mostrar” e o “contar”, procura aproximar o narrador da história e o leitor, para ele, o autor não deve interferir muito na narrativa e deve ser objetivo.

"Transmissão do material da história" (1981), é o nome do estudo de *Friedman* (1981), dividido em oito classificações: *Onisciência interpretativa* (narrativa em 3ª pessoa): o autor opina de forma direta na história, "narrativa sumária" e "cena imediata” encaixam nesta classificação, porém cada termo tem seu significado. Narrativa sumária é a ligação de vários acontecimentos, uma forma simplificada de contar uma história, e cena imediata é a forma de contar uma história com mais detalhes do tempo, lugar, ação, personagens e dos diálogos; *Onisciência neutra* (narrativa em 3ª pessoa): impede o autor de opinar diretamente na história, porém há uma chance do mesmo se expressar através de

seus representantes, os personagens, porém, de forma impessoal e objetiva; *"Eu" como testemunha* (narrativa em 1ª pessoa): é o relato em vários pontos de vista, diálogo com vários personagens, as situações podem ser alteradas e este narrador tem uma visão periférica, secundária; *"Eu" como protagonista* (narrativa em 1ª pessoa): este não tem visão periférica, mas sim visão central e fixa, apenas atua e não pode ser espectador, crítico ou colecionador de opiniões ao mesmo tempo em que é atuante; *Onisciência múltipla seletiva*: é a apresentação de pensamentos e sentimentos de vários personagens, não se limita em um único personagem; *Onisciência Seletiva* (onisciência seletiva simples ou individual): trata-se da concentração de pensamentos e sentimentos de um único personagem, seu foco geralmente, é o protagonista; *Método dramático*: o autor participa com pequenas interferências nos diálogos dos personagens; e a *câmera*: é o próprio autor, pode ser retirado do romance.

Algumas classificações de *Friedman* (1981), aproximam-se das classificações de *Brooks e Warren* (1981), como: onisciência interpretativa e autor onisciente ou analítico; onisciência neutra e autor-observador; e método dramático e autor-observador. Estes críticos não descartam a possibilidade de haver narrador em 2ª pessoa.

Geralmente, as narrativas dão um conselho, espelham os problemas relacionados a sociedade, ou até mesmo, de certa forma, a vida pessoal do leitor. O narrador pode ser visto como um amigo ou um conselheiro, fala algo que pode causar reflexão sobre os atos do leitor, ensinamento moral. Pode-se afirmar que os primeiros narradores foram os de contos de fadas, os conselheiros das crianças, porém, isso só acontece se souberem narrar, porque quanto mais o ouvinte/leitor se enquadra na história, mais ele a memoriza.

4. "Point of view"

Tratando-se do "foco narrativo", *point of view* na língua inglesa, derivado da arte da pintura, onde seu artista escolhe seu melhor "ponto de vista", ou ângulo, para elaborar uma criação. Porém, sabe-se também que se trata de uma opinião a respeito de algo. Para Cleanth Brooks e R. P. Warren (1981), o termo se refere a "maneira menos precisa para indicar as atitudes e ideias básicas do autor", o narrador da história. E para E. M. Foster (2004), o autor não pode se prender apenas a um ponto de vista, ele deve aceitar que pode haver outros pontos de vista sobre uma determinada obra.

Manuel Komroff (1981), divide suas classificações de foco narrativo apenas em dois: "Ponto de Vista Interno" e "Ponto de Vista Externo". O primeiro trata da narrativa em 1ª pessoa, o narrador toma conhecimento dos acontecimentos que estão relacionados a

si próprio, porque ele é um ator-protagonista, mas não sabe o que se passa na mente dos outros personagens, o segundo, a narrativa é em 3ª pessoa, toma conhecimento dos acontecimentos de forma externa, superficial, a participação deste é tão mínima, que pode ser considerado apenas observador. Mas este crítico acredita que um narrador pode mudar de posição, de 1ª a 3ª pessoa, durante a narrativa. Dá-se o nome de "Ponto de Vista Mutante", a narrativa que muda de ponto de vista interno para ponto de vista externo numa mesma obra, sem que o leitor note com facilidade esta mudança.

Os narradores, na maioria das vezes, iniciam os relatos de suas histórias por uma descrição de como tomou tal conhecimento, fala das qualidades de quem a viveu ou as contou, apenas o narrador tem a capacidade de movimentar-se durante toda a história, do passado ao futuro, porém hoje, o homem abreviou até a narrativa, conta apenas os fatos principais, uma pequena história oral transparente.

Segundo Walter Benjamin (1981), a narração está sendo esquecida e logo deixará de existir. Os narradores só podem relatar algo porque há uma troca de informações, ou essas informações passam de geração a geração, e ressalta que as melhores narrativas são aquelas que não fogem da história oral.

5. A complexa dualidade narrativa na obra *Galvez, imperador do Acre*, de Márcio Souza

O romance é composto por dois narradores que explanam aventuras muitas vezes surreais, as quais o próprio narrador-personagem, o protagonista, faz questão de contar detalhadamente suas experiências, trapaças e histórias, ou "estórias burlescas", isto é, exageradas, cômicas e irônicas.

Mas cabe salientar que o outro narrador, que aqui será classificado como narrador-editor, segundo ele próprio se classifica como tal, busca, na maioria das vezes ser fiel aos relatos encontrados, e ainda chama a atenção do narrador-personagem quando o mesmo falta com a verdade dos fatos, ambos ocupam-se da linguagem em primeira pessoa.

A narrativa em *Galvez, imperador do Acre*, deixa de lado as narrativas tradicionais e históricas, na qual o romance geralmente apresentava o narrador em terceira pessoa, havia uma distância entre o narrador, os personagens e os acontecimentos, quando apenas relatava os fatos e não havia participação do mesmo no enredo da obra.

Os narradores presentes nesta obra, de certa forma, "quebram" esta estrutura, pois relatam os acontecimentos em primeira pessoa, numa forma surpreendente e inovadora de narrar os fatos, as aventuras do protagonista Luiz Galvez, como nos mostra Baumgarten

(2000), em: *Valendo-se do episódio de anexação do território do Acre pelo Brasil, o autor constrói uma narrativa então inovadora, uma vez que afinada com o que de mais recente podia ser encontrado no âmbito do romance histórico latino-americano.*

Neide Gondim (1996), classificou este narrador em narrador-alinhavador, pois ao "organizar o enredo", envolve momentos históricos, interfere no processo narrativo, realiza a junção dos fatos, enquanto o segundo, que também faz parte da história, torna-se o narrador-personagem, no qual predomina a linguagem autobiográfica.

O narrador-editor, o primeiro narrador que a obra apresenta, é um turista brasileiro que compra os escritos por trezentos e cinquenta francos em Paris e decide organizar os folhetins. Assim, inicia a narrativa que vai relatar as surpreendentes aventuras de Luiz Galvez nos estados do Pará, Amazonas e Acre, embora já no primeiro capítulo apresente ao leitor o término do herói da história. Em seguida, relata fatos relacionados ao contexto histórico do Acre, como a disputa pelo território, com o intuito de enriquecimento, devido o auge do ciclo da borracha, e cita alguns nomes importantes da literatura Brasileira, tais como José de Alencar. Este narrador possui uma participação menor na obra comparada com a participação do narrador-personagem, pois a narrativa é autobiográfica, e o narrador-editor tem as funções de ligar os fatos ou interferir, quando necessário, nos relatos exagerados, em forma de folhetim, de Luiz Galvez.

> O brasileiro leu o manuscrito em dois dias e pensando em José de Alencar, que havia feito o mesmo no livro "GUERRA DOS MASCATES", decidiu organizá-lo e publicar. O turista brasileiro era eu e acabei impressionado com as atitudes desse espanhol do século XIX. Dessa papelada descoberta de modo estúrdio, como disse José de Alencar, alinhavei este livro que agora se tira à estampa. (SOUZA, 1995, p.14)

O primeiro narrador, narrador-editor, deixa claro aos leitores que irá interferir e corrigir os relatos do narrador personagem, quando o mesmo não for fiel aos fatos, quando este envolver muita ficcionalidade em casos impossíveis de acontecer, devido a rigidez daquela época e a situação em que se encontrava, como por exemplo, no capítulo "Correção": "Perdão, leitores! Neste momento sou obrigado a intervir, coisa que farei a cada momento, em que o nosso herói faltar com a verdade dos fatos". (Idem, pag. 49). Aborda também, a diferença da recepção, pela sociedade, da literatura regional amazônica em comparação com as literaturas de outras regiões, faz uma alusão irônica a teoria literária em que a obra se encaixa, classifica o parnasianismo e os autores deste movimento como ultrapassados e diz que os leitores se interessam por inovações.

> **Floresta Latifoliada**
> Esta é uma história de aventuras onde o herói, no fim, morre na cama de velhice. E quanto ao estilo o leitor há de dizer que finalmente o Amazonas chegou em 1922. Não importa, não se faz mais histórias de aventura como antigamente. Em 1922 do gregoriano calendário o Amazonas ainda sublimava o latifoliado parnasianismo que deu dores de cabeça a uma palmeira de Euclides da Cunha. Agora estamos fartos de aventuras exóticas e mesmo de adjetivos clássicos e é possível dizer que este foi o último aventureiro da planície. (Idem, p. 13)

O segundo narrador, narrador-personagem, e protagonista, Luiz Galvez, utiliza uma linguagem autobiográfica, como já foi dito, sua voz é a que mais predomina no decorrer de todo enredo, conta histórias relevantes, detalha de forma minuciosa a geografia dos locais por onde passou, em suas aventuras, viagens, facetas e luxúrias. Seu discurso faz parecer um mérito andar fora da lei e não ter moral e ética, sempre contando vantagens de seu personagem para o leitor. Como nos capítulos:

> **Postal**
> 1898, uma noite de julho em Belém do Pará. Começo a contar do meio da minha vida e já estou com 39 anos. Na memória vem um luar derramando um brilho fosco. O Ver-o-Peso é uma silhueta, o mercado popular sempre movimentado, e naquela madrugada as ruas estão mornas. Os sobrados escurecidos. Os lampiões elétricos atraem centenas de borboletas que voam e caem no chão como granizo mole. Da baía de Guajará vem uma brisa que arrefece o calor e reúne o cheiro da vazante ao mofo e ao odor de estiva. Aquela zona, que recende a cumaru e pau-rosa, é uma parte imunda da cidade cheia de lama e lixo podre. Nas ruas que dão acesso ao mercado, a luz é precária e o movimento não é grande. Alguns boêmios transitam e eu estou bem acomodado numa alcova. Pelo menos assim eu pensava. (Idem, p.17)
>
> **Roubo**
> Meia noite. Entrei na casa de Trucco com um lenço azul no rosto. O mordomo acordou e ameacei-o com uma pistola. Truco veio ver o que era, de robe-de-chambre. A cara amarrotada de sono, e pedi o documento com a voz americana. Ele não reagiu e me passou o envelope azul. Examinei, era o que eu queria. Fugi soltando uma gargalhada pavorosa. (Idem, p. 49)

Segundo Balzac ou Tolstói (1968), os personagens devem ser protagonistas reais que irão representar a vida, os acontecimentos sociais e atitudes humanas, enfim, participam ativamente dos acontecimentos, como é o caso do personagem Luiz Galvez. Porém para Flaubert e Zola (1968), estes mesmos personagens podem participar de forma secundária dos acontecimentos, participam como observadores. Logo, fica a critério do autor decidir se tal personagem será observador ou participante, e como podemos observar, nesta narrativa quando o autor insere a presença do narrador-editor, e lhe atribui a tarefa de

organizar o enredo da história, neste caso, temos a presença dos dois tipos de personagem: aquele que atua diretamente sobre os fatos (Luiz Galvez), e outro, inominado, (narrador-editor), que organiza os fatos relatados.

Ao analisarmos o primeiro narrador que o romance apresenta, narrador-editor, identificamos que este também pode se enquadrar, segundo Walter Benjamim como o *Camponês Sedentário*, pois é quem adquire os relatos das histórias, as informações e experiências sem sair do lugar, sem vivê-las, toma tais conhecimentos através dos "manuscritos" de Luiz Galvez; e *Personagem-observador*, segundo a classificação de *Brooks* e *Warren*, por ser um personagem que possui "pouca" participação nas ações, foca-se em relatar os acontecimentos ligados a outros personagens. Apesar da narrativa não ser em 3ª pessoa, mas possui o foco narrativo classificado por Manuel Komroff (1981), como *Ponto de Vista Externo*, pois sabe dos acontecimentos de forma superficial, sua participação é mínima.

Já o segundo narrador da obra, narrador-personagem, o próprio protagonista, o qual possui maior predominância nos relatos, enquadra-se como *Marinheiro Comerciante*, ainda de acordo com as classificações de Benjamin, pois se trata daquele que conhece as histórias, as presenciou, viveu durante suas viagens; seria também o que *Brooks e Warren* (1981), classifica como *Narrador-protagonista*, pois Galvez é um narrador que conta sua própria história. Em seu foco narrativo existe, parcialmente, o "Ponto de Vista Interno", mencionado por Manuel Komroff (1981), pois apresenta uma narrativa em 1ª pessoa, no qual o narrador tem o poder de conhecer tudo que está ligado a si, de forma direta ou indireta.

Retornando a classificação de Friedman (1981), para os narradores, vale ressaltar, que há uma parcialidade significante de "Onisciência interpretativa", aplicada nos dois narradores do romance, onde o narrador-editor se classifica como "narrativa sumária", pois relata vários acontecimentos, de forma simplificada. E o narrador-personagem, classificamos como "cena imediata", devido seu detalhamento dos acontecimentos, lugares, ações e diálogos dos personagens.

Desta forma, podemos observar, por meio desta análise, que a dualidade narrativa presente na obra é complexa, devido a obra não possuir linearidade total em seus relatos, e as vozes narrativas estarem em primeira pessoa, porém cada uma com sua especificidade, cuja classificação encontra-se embasada de acordo com os teóricos estudados. Pode-se dizer que Márcio Souza apresentou uma nova forma de narrar instigando o leitor para tal complexidade na dualidade narrativa de sua obra *Galvez, imperador do Acre*.

Considerações Finais

Ao analisarmos a obra *Galvez, o imperador do Acre*, de Márcio Souza, foi possível relacionar o contexto histórico e social da época, relacionando-o à relevância do papel representativo da literatura no âmbito histórico e social, levando também em conta os fatores que contribuem para a elaboração de uma narrativa, associando a renovação literária, relacionada a Semana da Arte Moderna, com a criação da "literatura regional", e a forma inovadora de narrar que o autor Márcio Souza insere em sua obra, deixando de lado o tradicionalismo e aplicando uma linguagem cômica, além de uma duplicidade de vozes narrativas em 1ª pessoa.

Como foi possível observar, o romance *Galvez, imperador do Acre*, apresenta, como já foi dito, uma dualidade em sua narrativa, fato que nos chamou a atenção tornando-se foco de estudo para este trabalho. Nota-se que há uma complexidade para que se tenha uma identificação das vozes dos narradores dentro da obra. Esses narradores, classificados como narrador-editor e narrador-personagem, sendo que no primeiro predomina a "veracidade", a história e a função de interligar os fatos, enquanto o segundo, apropria-se da escrita autobiográfica, quando se preocupa em incluir seus relatos memoriais e suas ficções.

A ausência de uma linearidade total na narrativa, ao relatarem os acontecimentos, causa uma mutabilidade entre o presente e passado, pois quando o turista brasileiro, narrador-editor, encontra os manuscritos, o mesmo tenta organizá-lo numa sequência linear dos fatos, porém, não consegue totalmente, encaixando assim, os relatos que considerava estarem numa sequência mais sensata, e inicia a história falando do seu final, ou seja, a história inicia-se relatando o fim do herói, do protagonista Luiz Galvez.

Vale ressaltar que o autor Márcio Souza procura, em muitas de suas obras, abordar temáticas que possam refletir e criticar a sociedade, como o poder político, a ambição, a luxúria humana, e as facetas que as pessoas são capazes de fazer para alcançarem seus objetivos, também prioriza maneiras que sirvam para atrair o leitor a sua obra, assim como as apresentadas nas aventuras de Luiz Galvez, e neste romance as atuações de seus narradores, ambos em primeira pessoa, são fundamentais, pois fazem com que os leitores percebam a mudança de voz dos narradores, a interferência, quando necessária, do narrador-editor nas falas do narrador-personagem e a variação relacionada ao tempo nas narrativas.

Considerando os estudos feitos, com base nos críticos citados, pode-se afirmar que a proposta deste trabalho foi analisar a complexa dualidade narrativa no romance de

Márcio Souza, explanar as especificidades dos narradores, as classificações nas quais cada um se enquadra, de forma completa, ou parcial, e a classificação do foco narrativo que os mesmos desempenham dentro da narrativa souzariana.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas**. Volume I. 5. Ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BAUMGARTEN, Carlos. O novo romance histórico brasileiro. **Revista via atlântica**. São Paulo, n. 4, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** Estudos de teoria e história literária. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2002.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo de consciência:** questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance:** organização Oliver Stallybrass. São Paulo: Globo, 2004.

GONDIM, Neide. **Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre (ficção e história)**. Manaus: Edua, 1996.

HARDMAN, Francisco Foot. Revolta na planície do esquecimento: a grande falha amazônica. In: **Cadernos de literatura brasileira**. Rio de Janeiro, n. 19, 2005.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou Descrever? (contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo). In:_____. **Ensaios sobre Literatura**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SOUZA, M. **Galvez, Imperador do Acre**. Márcio Souza. São Paulo: Marco Zero, 1995.